

Revista Brasileira de Saúde

ISSN 3085-8089

vol. 1, n. 10, 2025

••• ARTIGO 15

Data de Aceite: 24/11/2025

IMPACTOS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA DEPRESSÃO PÓS-PARTO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Maria Alyce da Silva Lima da Cruz

Graduanda em Fisioterapia Instituição de formação: Faculdade de Educação São Francisco
Pedreiras – Maranhão, Brasil

Mayra Bianca Pãozinho Figueiredo

Graduanda em Fisioterapia Instituição de formação: Faculdade de Educação São Francisco
Pedreiras – Maranhão, Brasil

Huany Soares da Silva

Graduanda em Fisioterapia Instituição de formação: Faculdade de Educação São Francisco
Pedreiras – Maranhão, Brasil

Giovanna Leticia Lopes Cordeiro

Graduanda em Fisioterapia Instituição de formação: Faculdade de Educação São Francisco
Pedreiras – Maranhão, Brasil



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0
Internacional (CC BY 4.0).

Jeandson Ximenes do Prado

Pós Graduado em Terapia Intensiva Instituição de formação: Faculdade Santo Agostinho Teresina – Piauí, Brasil

Greice Lanna Sampaio do Nascimento

Especialista em Fisioterapia na Saúde da Mulher Instituição de formação: Uninovafapi Teresina – Piauí, Brasil

Resumo: A gravidez é um período marcad

do por intensas mudanças físicas, emocionais e sociais, podendo gerar sentimentos de vulnerabilidade. Nesse contexto, a violência obstétrica (VO) configura-se como uma prática abusiva que pode ocorrer durante o pré-natal, parto e pós-parto, afetando negativamente a saúde mental materna e aumentando o risco para transtornos, como a depressão pós-parto. Diante disso, este estudo teve como objetivo analisar, com base em evidências científicas, os impactos da violência obstétrica no desenvolvimento da depressão pós-parto. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases SciELO, PubMed e LILACS, com recorte temporal de publicações entre 2019 e 2025. A busca bibliográfica foi conduzida entre os meses de setembro e outubro de 2025. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 8 artigos para análise. Os principais achados demonstraram que a VO está associada ao aumento de sintomas depressivos, sentimentos de impotência, medo, sofrimento psicológico e maior vulnerabilidade emocional no período puerperal. Conclui-se que a violência obstétrica é um fator de risco significativo para a depressão pós-parto, reforçando a necessidade de políticas públicas, capacitação profissional e práticas assistenciais humanizadas que promovam cuidado baseado em respeito, autonomia e proteção à saúde da mulher.

Palavras-chave: Mulheres; Violência; Maternidade; Estresse psicológico; Prevenção.

INTRODUÇÃO

A gravidez é encarada como um momento de grande significância e relevância na vida da mulher, trazendo mudanças fi

siológicas para o momento da gestação, no entanto durante o período gestacional o corpo feminino pode sofrer influências de vários fatores, como psicológico, ambiental, cultural, modificações físicas e hormonais. Essas influências afetam diretamente na saúde mental, visto que em evidências internacionais, foi observado que em países desenvolvidos 10 a 15% das mulheres têm tendências de ansiedade ou depressão durante a gestação, o que exerce uma intervenção negativa não somente no desenvolvimento fetal como também traz consequências obstétricas e riscos para a mãe, pois tais manifestações emocionais podem persistir no período pós-parto (Teixeira *et al.*, 2022).

Logo após o parto, a mulher enfrenta um momento de grandes alterações. Essa fase de profundas modificações, é conhecida como puerpério, um período de seis a oito semanas subsequentes ao nascimento do bebê, nesse período acontece a alta prevalência de uma depressão pós-parto, isso é, um transtorno psiquiátrico que surge na maioria das vezes duas semanas após a concepção, incluindo com ela mudanças comportamentais, emocionais, cognitivas e físicas, essa repercussão causam consequências que não tem um tempo definido ou específico de duração, mas sabe-se que ela afeta significativamente na vida da puérpera, do lactente e da relação com os familiares, além de estar muito relacionada a um aumento no risco de quadros depressivos já existentes (Vargas; Salcher, 2023).

A violência obstétrica (VO) é uma prática abusiva, desrespeitosa e humilhante que acontece desde o pré parto, parto e pós-parto, de forma a tirar o direito de escolha da mulher e realizar intervenções desnecessárias. Há muito tempo esse costume era idealizado como “normal” e feito com bastante

frequência durante a concepção, nos dias atuais é possível notar a marca que foi deixada nessas mulheres, pela autoestima prejudicada, por dores durante a relação sexual, a laceração perineal e pela dificuldade nas funções dos esfíncteres. O surgimento da depressão pós-parto (DPP) tem uma chance maior de ocorrência quando há a interação de diversos fatores de risco sob a gestação e durante o trabalho de parto, e diante disso, medidas preventivas devem ser tomadas (Cardozo *et al.*, 2022).

Essa violência pode manifestar-se tanto nas relações interpessoais quanto no âmbito institucional, sendo este um espaço onde muitas vezes se verifica o abuso do poder profissional.

Diante desse contexto, durante o parto a mulher encontra-se em condição de maior vulnerável a sofrer agressões verbais ou físicas, o que já se configura como violência obstétrica e que em alguns casos frequentemente se torna naturalizada ou negligenciada, dificultando na sua identificação e enfrentamento. Com isso, entende-se que qualquer tipo de sentimento ou experiência de humilhação, desrespeito, isolamento, discriminação e traumas emocionais, predispõe para uma saúde mental prejudicada e maiores chances de uma depressão pós-parto (Pereira; Araújo, 2020).

Em decorrência da violência obstétrica ainda não ser tipificada no Brasil, as denúncias e notificações a essas práticas são escassas, não havendo políticas públicas de acolhimento e cuidado com as vítimas. Apesar dos avanços da humanização, a violência obstétrica ainda é uma realidade persistente no Brasil. Isso demanda esforços contínuos na qualificação profissional, no fortalecimento das políticas públicas e na promoção de pesquisas que avaliem a efetividade

das ações implementadas. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é analisar a relação entre a violência obstétrica e seus impactos na depressão pós-parto. A superação da VO requer, sobretudo, uma mudança cultural que devolva às mulheres o direito de viver o parto como uma experiência digna, segura e respeitosa (Preto *et al.*, 2024).

JUSTIFICATIVA

De acordo com Assis *et al.* (2020) a violência obstétrica é um fenômeno cada vez mais discutido, envolvendo práticas abusivas e desrespeitosas durante o parto. Entre elas destacam-se intervenções sem consentimento, humilhações verbais, falta de privacidade e restrição da presença de acompanhantes e procedimentos desnecessários, como uso abusivo de ocitocina, episiotomia rotineira, amniotomia e imobilização da gestante. O efeito negativo desta experiência pode ocasionar no baixo número de mulheres que procuram, ou até mesmo utilizam os serviços de assistência obstétrica, por medo e vergonha, e dessa forma, a parturiente perde seu direito de escolha e sofre uma violência silenciosa ou até mesmo acha que é normal.

Silva *et al.* (2025) ressaltam que as consequências desse cenário desumano estão frequentemente relacionadas com a depressão pós-parto, já que a vivência de desrespeito e abuso ocorrida durante uma VO, se torna um fator desencadeante. A literatura menciona que a DPP além de prejudicar a saúde mental da mãe, causando maiores sentimentos de estresse, baixa auto estima e até pensamentos suicidas, também causam obstáculos ao bem estar da criança, como é o caso de uma possível negligência alimentar, desenvolvimento cognitivo prejudicado,

atraso na linguagem e distúrbios de comportamento. A relação da mesma com o marido também se torna afetada, o que podeoccasionar em divórcio, depressão do parceiro e conflitos com seus familiares.

Compreender esses fatores de risco para a mãe, o recém nascido e os familiares, influenciam em uma melhor qualidade de vida e uma menor chance de desenvolvimento de transtornos psicológicos, como depressão pós parto, que pode afetar o vínculo mãe-bebê e o desenvolvimento emocional da mulher. O projeto tem como interesse contribuir para o âmbito científico com informações confiáveis e relevantes para uma área que acontece com bastante frequência, mas não muito estudada, e assim traçar uma linha de entendimento, buscando reconhecer os sinais e sintomas precocemente resultantes pela violência obstétrica e consequentemente na depressão pós parto, e dessa forma possibilitar na contribuição de um menor número desses casos e com maior índice de sucesso.

OBJETIVOS

Geral

Analisar os impactos da violência obstétrica na depressão pós-parto.

Específicos

- Verificar na literatura a incidência de violência obstétrica.
- Propor através desse estudo, medidas e prevenção para que a violência e os impactos causados pelo mesmo, sejam amenizados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Gravidez E O Puerpério

A gravidez representa uma fase de intensas transformações fisiológicas, emocionais e sociais na vida da mulher. Durante o período gestacional, o corpo feminino adapta-se para garantir o desenvolvimento fetal e a preparação para o parto, mas essas mudanças também tornam mais vulnerável a alterações emocionais e psicológicas (Teixeira *et al.*, 2022). Após o parto, inicia-se o puerpério, período que abrange aproximadamente seis a oito semanas e envolve o retorno do organismo ao estado pré-gravídico. Essa fase é marcada por intensas modificações hormonais, que influenciam diretamente o humor e o comportamento da mulher, podendo desencadear transtornos mentais, como a depressão pós-parto (Vargas; Salcher, 2023). O suporte emocional, a escuta ativa e o acompanhamento multiprofissional são essenciais nesse período para reduzir o sofrimento psíquico e favorecer o vínculo afetivo entre mãe e bebê.

Depressão Pós-Parto: Conceito E Repercussões

A depressão pós-parto (DPP) é um transtorno de humor que pode surgir nas primeiras semanas ou meses após o nascimento da criança, caracterizado por tristeza profunda, irritabilidade, distúrbios do sono, desânimo e sentimentos de culpa (Pereira; Araújo, 2020). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que entre 10% e 20% das mulheres no mundo apresentem sintomas de depressão após o parto, o que a torna um importante problema de saúde pública.

De acordo com Silva *et al.* (2025), a DPP não afeta apenas a saúde mental da mulher, mas também o desenvolvimento cognitivo, afetivo e nutricional da criança, podendo comprometer o vínculo mãe-bebê e a dinâmica familiar. A ausência de apoio social, histórico de transtornos mentais, complicações obstétricas e experiências negativas no parto são fatores que aumentam o risco para o surgimento dessa condição. Os impactos da DPP evidenciam a importância do cuidado integral à saúde da mulher, considerando não apenas os aspectos fisiológicos da gestação, mas também os psicológicos e sociais que permeiam o processo reprodutivo.

Violência Obstétrica: Definição E Contexto

A violência obstétrica (VO) é entendida como qualquer ação, omissão ou conduta desrespeitosa praticada contra a mulher durante o ciclo gravídico-puerperal, resultando em dano físico, psicológico ou moral (Assis *et al.*, 2020). Essa forma de violência abrange agressões verbais, negação de atendimento, intervenções médicas desnecessárias, ausência de consentimento e tratamento desumano ou discriminatório.

De acordo com Cardozo *et al.* (2022), a VO ainda é pouco reconhecida juridicamente no Brasil, o que dificulta sua notificação e combate. As consequências desse tipo de violência incluem dor física, trauma psicológico, medo de futuras gestações e risco aumentado de depressão pós-parto.

Estudos como o de Lansky *et al.* (2019) apontam que o modelo de assistência obstétrica brasileiro ainda é marcado pela medicalização excessiva e pela centralização do poder decisório no profissional de saú-

de, desconsiderando a autonomia e o protagonismo da mulher. Esse modelo, além de perpetuar práticas abusivas, contribui para a perda da confiança no sistema de saúde e a naturalização da violência.

Relação Entre Violência Obstétrica E Depressão Pós-Parto

Diversas pesquisas comprovam a associação direta entre a experiência de violência obstétrica e o desenvolvimento de depressão pós-parto. De acordo com Conceição *et al.* (2023), mulheres que relataram vivências de desrespeito ou abuso durante o parto apresentaram risco 1,6 vez maior de desenvolver sintomas depressivos. Em outro estudo, Conceição e Madeiro (2024) constataram que mulheres submetidas a três ou mais tipos de desrespeito durante o parto foram até quatro vezes mais propensas a apresentar DPP. Essas evidências demonstram que o sofrimento psicológico decorrente da violência obstétrica atua como fator desencadeante e agravante da depressão.

Segundo Melo *et al.* (2022) e Santos *et al.* (2022), muitas mulheres não reconhecem de imediato as condutas inadequadas como violência, devido à naturalização histórica das práticas abusivas no contexto hospitalar. Essa falta de reconhecimento impede o enfrentamento e a denúncia dos casos, perpetuando a violação dos direitos femininos. Conforme Preto *et al.* (2024), a exposição à violência obstétrica está associada a sintomas de ansiedade, medo, insegurança e sentimentos de humilhação, os quais contribuem para o surgimento de transtornos mentais, especialmente a depressão pós-parto.

Humanização Do Parto E O Papel Da Fisioterapia

A humanização do parto e nascimento é uma abordagem que defende a autonomia da mulher, o respeito às suas escolhas e a valorização do parto como um evento natural e fisiológico. Esse movimento surgiu em resposta às práticas abusivas e à medicalização excessiva presentes na obstetrícia tradicional (Campos *et al.*, 2020).

Para Leitão *et al.* (2025), o parto humanizado garante o protagonismo feminino, favorece o vínculo entre mãe e bebê e reduz os índices de intervenções desnecessárias. Nesse contexto, o fisioterapeuta obstétrico desempenha papel fundamental na promoção do bem-estar físico e emocional da gestante, utilizando técnicas de respiração, relaxamento, alongamento e controle da dor que contribuem para uma experiência de parto mais positiva e segura.

A presença do fisioterapeuta no pré-natal e no parto auxilia na conscientização corporal da mulher, favorecendo uma vivência ativa, confiante e respeitosa. Dessa forma, a atuação interdisciplinar e humanizada torna-se essencial para a prevenção da violência obstétrica e, consequentemente, para a redução dos índices de depressão pós-parto.

METODOLOGIA

Tipo De Estudo

Este estudo tratou-se de uma revisão integrativa da literatura, concernente à área da fisioterapia obstétrica, destacando o conceito da: Relação entre violência obstétrica e a depressão pós parto em mulheres. A revisão integrativa da literatura consiste em um método de pesquisa que permite reunir, avaliar e sintetizar de forma ampla o conhecimento já produzido sobre determinado tema, e de grande relevância para as práticas baseadas

em evidências, oferecendo uma visão mais ampla e abrangente do fenômeno em estudo (Cavalcante; Oliveira, 2020).

A finalidade da revisão integrativa da literatura não consiste apenas em resumir estudos, mas também em identificar lacunas no conhecimento, revisar conceitos, analisar metodologias e direcionar a prática fundamentada em evidências. A importância da revisão integrativa reside em sua capacidade de consolidar evidências científicas sobre determinada temática em saúde, servindo como subsídio para a tomada de decisão clínica, construção de políticas públicas e fortalecimento da produção acadêmica, assegurando maior qualidade, validade e aplicabilidade dos resultados obtidos (Hassunuma *et al.*, 2024).

Coleta De Dados

Para a elaboração utilizou-se as categorias do acrônimo PICo, levando em consideração às mulheres no ciclo gravídico-puerperal; a vivência de violência obstétrica; mulheres que não vivenciaram violência obstétrica; desenvolvimento ou agravamento da depressão pós-parto. Assim, a questão de pesquisa estruturada foi: Mulheres que vivenciam violência obstétrica apresentam maior risco de desenvolver depressão pós-parto?

A busca bibliográfica foi realizada nos meses de setembro e outubro de 2025, nas bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) via Biblioteca Virtual em Saúde(BVS) e PUBMED.

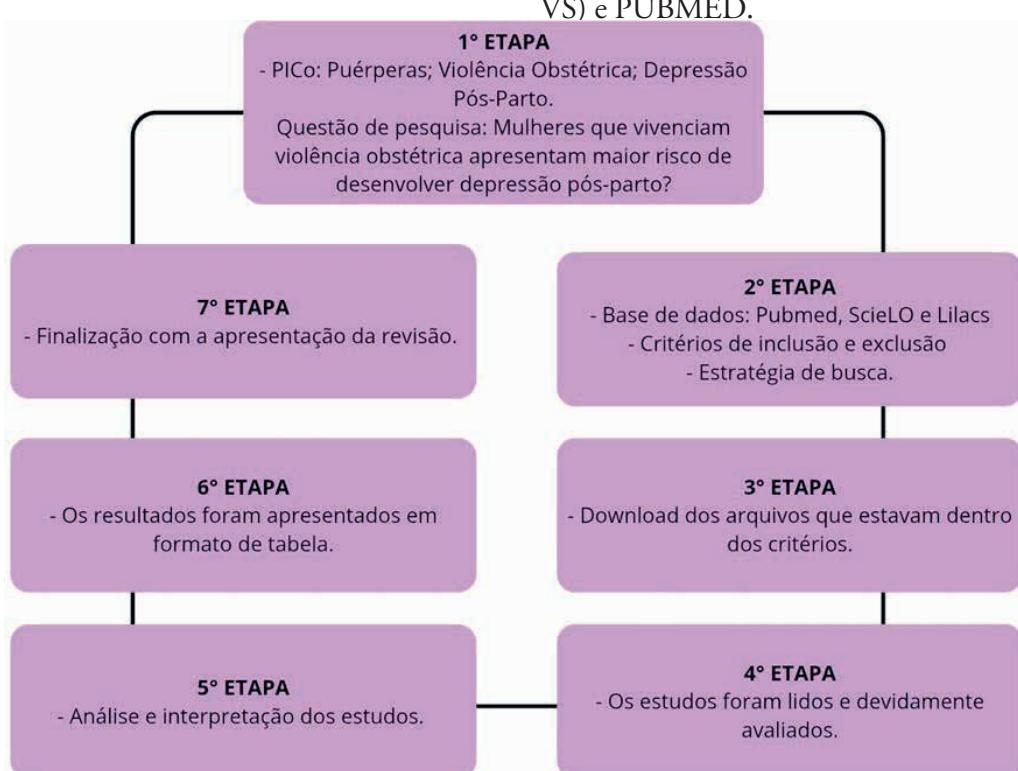


Figura 1. Fluxograma das etapas de investigação

Fonte: Próprios autores, 2025.

Esta revisão da literatura foi conduzida em 7 etapas de investigação: (1) elaboração da questão de pesquisa, (2) amostragem ou busca na literatura, (3) extração de dados, (4) avaliação dos estudos incluídos, (5) análise, (6) síntese dos resultados e (7) apresentação da revisão (Figura 1).

Critérios De Inclusão E Exclusão

Foram incluídos no estudo, artigos que se relacionam com o tema abordado, relato de caso, estudos de caso e de revisão, publicados nos anos de 2019 a 2025, correspondente aos termos de busca escritos em inglês e português e que sejam pertinentes aos aspectos relacionados aos impactos da violência obstétrica na depressão pós-parto. Como critérios de exclusão foram aplicados a artigos duplicados, incompletos, pesquisas que tenham sido publicados nos anos anteriores ao ano de 2019, e aqueles que não se enquadram dentro do tema proposto.

Seleção E Análise De Dados

Com o objetivo de alcançar resultados mais consistentes, utilizou-se a estratégia PICo para a formulação da pergunta de pesquisa, favorecendo uma busca mais direcionada e relevante de informações, de modo a sustentar as evidências do estudo e responder com maior clareza às questões relacionadas à temática. Para a definição dos descritores controlados e não controlados, recorreu-se aos termos disponíveis nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e no Medical Subject Headings (MeSH) (Quadro 1).

A investigação dos artigos foi realizada por duas pesquisadoras, graduandas do curso de Fisioterapia da Faculdade de Educação São Francisco (FAESF), utilizando

uma estratégia de busca baseada nos termos previamente definidos na PICo. Com base nesse procedimento, os dados obtidos foram organizados em formato de tabela, contemplando autoria do artigo, ano de publicação, título da revista, tipo de estudo, objetivos, metodologia empregada e resultados conclusivos

Aspectos éticos

a pesquisa é constituída com todos os aspectos éticos e legais que são obrigatórios, sendo conduzida sob a orientação de um docente da Faculdade de Educação São Francisco (FAESF). Por se tratar de uma revisão da literatura, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Todas as informações utilizadas neste estudo são legítimas, e os direitos autorais foram rigorosamente respeitados, garantindo a integridade do material consultado. Além disso, buscou-se utilizar os dados de forma transparente e fiel às fontes originais, assegurando que o estudo contribui de maneira responsável para a produção científica.

Riscos

Toda pesquisa de revisão de literatura pode apresentar alguns riscos. Entre eles, destacam-se a possibilidade de viés na seleção dos estudos, a dificuldade em localizar dados diretamente relacionados ao tema, a limitação na quantidade de artigos disponíveis que respondam de forma satisfatória à questão de pesquisa, bem como a inclusão de achados pouco relevantes, que não contribuem de maneira significativa para a produção científica. Além disso, a falta de atualizações recentes sobre o tema, no intervalo entre 2020 e 2025, pode representar

| DECS | | |
|-----------------------|----------------------|--|
| Descriptor controlado | | Descriptor não controlado |
| P | Puérperas | Violência obstétrica, Gestantes, Mulheres |
| I | Violência obstétrica | Violência institucional no parto, Violência obstétrica psicológica, física ou verbal |
| C | - | - |
| O | Depressão pós-parto | Sofrimento psíquico no pós-parto, Transtornos emocionais maternos |

| MESH | | |
|-----------------------|-----------------------|--|
| Descriptor controlado | | Descriptor não controlado |
| P | Postpartum period | Obstetric violence, Pregnant women, Postpartum women |
| I | Violenc obstetric | Institutional violence during childbirth, psychological, physical or verbal obstetric violence |
| C | - | - |
| O | Depression postpartum | Postpartum psychological distress, Maternal emotional disorders |

Quadro 1 – Descritores controlados e não controlados utilizados para construção da estratégia de busca. Pedreiras, Maranhão, Brasil, 2025.

Fonte: Próprios autores, 2025.

um desafio, resultando em lacunas ou desatualização dos dados encontrados.

Para minimizar esses riscos, as pesquisadoras optaram por realizar a análise individual de todos os artigos selecionados, seguida de discussão conjunta, a fim de identificar possíveis pontos que poderiam passar despercebidos em uma leitura isolada. Esse procedimento buscou garantir maior rigor, precisão e confiabilidade no processo de escolha e interpretação dos estudos incluídos. Apesar dos riscos mencionados, a revisão de literatura apresenta benefícios significativos. Entre eles, destacam-se a possibilidade de reunir, comparar e sintetizar diferentes evidências já produzidas sobre o tema, ampliando a compreensão acerca do objeto de estudo.

Benefícios

Ao que se refere aos benefícios desta pesquisa, espera-se contribuir para a com-

preensão dos impactos da violência obstétrica na vida das mulheres. Esta revisão de literatura traz importantes benefícios ao consolidar estudos sobre os efeitos dessa violência na saúde mental feminina, como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático. Além de atualizar o conhecimento sobre o tema, permite identificar lacunas na literatura, subsidiar práticas profissionais mais humanizadas e fornecer base para políticas públicas que promovam a saúde materna e o respeito aos direitos das mulheres durante a gestação, o parto e o puerpério.

RESULTADOS

Inicialmente foram utilizados operadores booleanos AND e OR, associado aos termos: violência obstétrica OR pós parto; violência obstétrica AND pós parto e violência obstétrica. Foram encontrados 413 artigos nas bases de dados SciELO, LILACS e PUBMED. Foram aplicados outro fil-

tro, pertinente ao ano de publicação 2019 a 2025, idiomas português e inglês, textos completos e gratuitos. Resultando em 95 artigos, os quais foram analisados e excluídos artigos que não se enquadram na temática proposta, outros incompletos e repetidos, restando 8 artigos os quais corresponderam a todos os critérios de inclusão. Dos artigos utilizados, 4 estão relacionados à base de dados LILACS, 2 da SCIELO e 2 da PUBMED.

A Tabela 1 mostra a distribuição dos estudos conforme o ano de publicação. Em 2021 observa-se que não houve resultados. Enquanto nos anos de 2020, 2023, 2024 e 2025 foram encontrados um artigo, representando 12,5% do valor em cada ano. Por outro lado, em 2019 e 2022 foram encontrados dois artigos, representando 25% do total.

Na Tabela 2, no que se refere às bases de dados online, a fonte LILACS apresentou o maior número de estudos relacionados ao tema, totalizando aproximadamente N= 4, o que corresponde a 50% do número total de estudos encontrados. Enquanto a base de dados PUBMED disponibilizou 2 artigos, equivalente a 25% do total. E por último, na base de dados Scielo foi possível identificar 2 artigos, o que representa 25% do total de artigos com relação ao tema.

A Tabela 3 demonstra a distribuição dos estudos conforme o idioma de publicação. Observa-se que 7 artigos estão em português totalizando assim 87,5% da representação deste idioma, enquanto na língua inglesa tivemos 1 artigo, totalizando 12,5% de resultado das buscas realizadas.

A seguir o Quadro 2 contém as principais características dos artigos selecionados neste trabalho de revisão, sendo os mesmos retratados como autor/ano, revista, tipo de estudo e intervenção principal.

DISCUSSÃO

É fundamental compreender os impactos da violência obstétrica sobre a saúde mental das mulheres, especialmente no período puerperal. Evidências apontam que situações de desrespeito, negligência e abuso durante o pré-parto e parto estão diretamente associadas ao desenvolvimento e agravamento da depressão pós-parto. Esse tipo de violência repercute de maneira significativa no bem-estar psicológico da puérpera, comprometendo sua autoestima, a construção do vínculo materno-infantil e a percepção de segurança no ambiente de cuidado. Além disso, pode gerar sentimentos de medo e desamparo, dificultando a experiência da maternidade. Tais consequências reforçam a necessidade de práticas obstétricas baseadas no respeito, na humanização e na garantia dos direitos das mulheres.

Considerando isso, Conceição *et al.*, (2023) apresentam que o desrespeito e abuso no parto está associado ao risco aumentado para o desenvolvimento de depressão pós-parto, visto que mulheres que relataram pelo menos um tipo de desrespeito e abuso no parto tiveram 1,6 vez mais chance de apresentar essa condição, ao passo que aquelas que sofreram três ou mais tipos de desrespeito e abuso no parto foram quase três e quatro vezes mais propensas a ter sintomas de depressão pós-parto. Em seu estudo mostrou que o instrumento utilizado foi a Escala de Depressão Pós-natal de Edimburgo (EPDS), para investigar os sintomas depressivos, e assim, tendo como evidência que o desrespeito e abuso no parto esteve associado à maior ocorrência de sintomas de depressão pós-parto.

No que diz respeito, os estudos de Conceição e Madeiro (2024) também utilizou da Escala de Depressão Pós-natal de Edimburgo, o diferencial é que além dessa

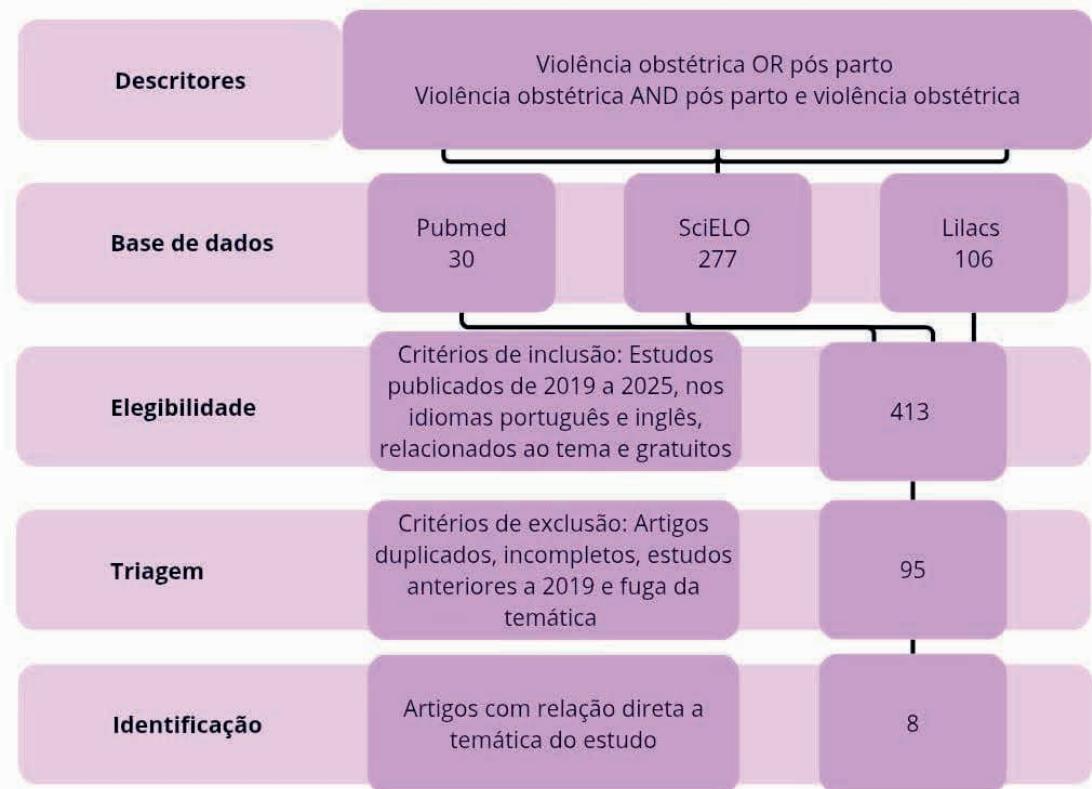


Figura 2. Fluxograma de trabalhos incluídos e excluídos durante a fase de pesquisa.

Fonte: Próprios autores, 2025.

| Ano de publicação | Número absoluto | Percentual % |
|-------------------|-----------------|--------------|
| 2019 | 2 | 25% |
| 2020 | 1 | 12,5% |
| 2021 | 0 | 0,0% |
| 2022 | 2 | 25% |
| 2023 | 1 | 12,5% |
| 2024 | 1 | 12,5% |
| 2025 | 1 | 12,5% |
| Total | 8 | 100% |

Tabela 1. Distribuição dos estudos incluídos nas amostras referente ao ano de publicação.

Fonte. Próprios autores, 2025

| Base de dados | Qtd. artigos | Percentual % |
|---------------|--------------|--------------|
| PUBMED | 2 | 25% |
| SciELO | 2 | 25% |
| LILACS | 4 | 50% |
| Total | 8 | 100% |

Tabela 2. Distribuição de fontes e porcentagens.

Fonte. Próprios autores, 2025

| Idioma | Número absoluto | Percentual % |
|--------------|-----------------|--------------|
| Inglês | 1 | 12,5% |
| Português | 7 | 87,5% |
| Total | 8 | 100% |

Tabela 3. Distribuição dos idiomas e porcentagens.

Fonte. Próprios autores, 2025

| AUTOR/ANO | TÍTULO | TIPO DE ESTUDO | OBJETIVO | CONCLUSÃO |
|---------------------------|---|--------------------|---|---|
| Conceição et al., 2023 | Desrespeito e abuso durante o parto e depressão pós-parto: uma revisão de escopo. | Revisão de escopo | O objetivo deste estudo foi mapear na literatura científica a relação entre desrespeito e abuso no parto e a ocorrência da depressão pós-parto. | Os resultados deste estudo sugerem que o desrespeito e abuso no parto está associado ao risco aumentado para o desenvolvimento de depressão pós-parto. Os achados também evidenciaram escassez de pesquisas científicas sobre o tema. |
| Conceição, Madeiro, 2024. | Associação entre desrespeito e abuso durante o parto e o risco de depressão pós-parto - estudo transversal. | Estudo transversal | O objetivo deste estudo é analisar a relação entre desrespeito e abuso durante o parto e o risco de depressão pós-parto. | Os dados deste estudo revelam que a experiência de dois ou mais tipos de desrespeito e abuso durante o parto aumenta em aproximadamente três vezes o risco de depressão pós-parto. Desse modo, garantir atendimento digno e respeitoso às mulheres pode reduzir os riscos da sintomatologia de depressão pós-parto. |

| | | | | |
|------------------------------|---|----------------------------------|--|---|
| Melo <i>et al.</i> , 2022. | Violência obstétrica à luz da teoria da diversidade e universalidade do cuidado cultural. | Estudo transversal | Objetivou - se analisar relatos de puérperas sobre violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. | A violência obstétrica aconteceu por meio do caráter sexual, físico, psicológico e institucional, tornando o ato de parir algo temeroso, resultante do medo, falhas na comunicação e cuidado fragilizado |
| Lansky <i>et al.</i> , 2019. | Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. | Estudo transversal | O excesso de intervenções no parto no Brasil tem sido reportado como violência obstétrica e contribui para os índices elevados morbi-mortalidade materna e neonatal. A exposição Sentidos do Nascer busca incentivar o parto normal para promover a saúde e melhorar a experiência de parir e nascer no País | A violência obstétrica é uma situação de importância em saúde da mulher e da criança e influencia a cultura e a percepção sobre o parto pela sociedade. Entretanto, o relato espontâneo de VO por apenas 12,6% das mulheres reflete o desconhecimento e subestimação do problema. |
| Carvalho, Benincasa, 2019. | Depressão pós-parto e afetos predominantes na gestação, parto e pós- parto. | Estudo qualitativo, exploratório | O objetivo deste estudo foi comparar os afetos da mãe nos grupos com e sem depressão | O presente estudo discorre a respeito da depressão pós-parto e apresenta o risco de adoecimento ou de surgimento de sintomas e sinais que diminuem a qualidade de vida e o bem-estar da mulher, o que dificulta a interação social, o apego e o vínculo com o bebê |

| | | | | |
|-----------------------------|---|---|---|--|
| Santos <i>et al.</i> , 2022 | Percepções de mulheres no puerpério sobre a violência obstétrica durante o trabalho de parto. | Estudo descritivo | Compreender a percepção das mulheres no puerpério sobre a violência obstétrica durante o trabalho de parto. | Conclui-se que há uma necessidade urgente de refletir sobre o cenário atual do trabalho de parto e do puerpério, reformular as práticas de assistência e aumentar a conscientização profissional sobre as boas práticas e a medicina baseada em evidências. Por fim, mas não menos importante, há uma necessidade urgente de que as mulheres e os profissionais de saúde reconheçam a violência obstétrica em ambientes de saúde, para que seja oferecido atendimento de alta qualidade às mulheres e aos recém-nascidos, e para que sejam feitos investimentos governamentais, ministeriais, municipais e pessoais. |
| Leitão <i>et al.</i> , 2025 | Representações sociais de mulheres no pós-parto sobre violência obstétrica no parto e em ambientes de parto | Estudo Qualitativo | O objetivo deste estudo foi analisar as representações sociais atribuídas por mulheres no pós-parto em relação à violência obstétrica no parto e nos ambientes de nascimento. | As representações sociais das puérperas sobre a violência obstétrica foram manifestadas pela sensação de insegurança, vulnerabilidade, sensibilidade, falta de informações e desrespeito à autonomia. benefícios e justifiquem o uso. |
| Campos <i>et al.</i> , 2020 | Práticas convencionais do parto e violência obstétrica sob a perspectiva de puérperas. | Estudo Qualitativo, descritivo e exploratório | Compreender a experiência de puérperas com as práticas convencionais do parto e violência obstétrica. | O cenário de assistência obstétrica em algumas maternidades no município de estudo mantém práticas convencionais de assistência ao parto, que, em muitos casos, são especificamente como violência obstétrica, diante da falta de evidências que apontem os |

Quadro 2. Distribuição dos artigos quanto aos autores, ano, título, tipo de estudo, objetivo e conclusão, relacionados aos impactos da violência obstétrica na depressão pós-parto.

Fonte. Próprios autores, 2025.

escala, também foi utilizado um questionário socioeconômico e demográfico, com perguntas de identificação da participante, e um outro questionário sobre a autopercepção de desrespeito e abuso durante o trabalho de parto e/ou o parto. Os resultados deste estudo conseguiram evidenciar que menos de um quarto das entrevistadas apresentou risco de depressão pós-parto. Por outro lado, quase a totalidade sofreu alguma experiência de desrespeito e abuso durante o parto, enquanto mais da metade foi submetida simultaneamente a 2 tipos de desrespeito e abuso durante o parto e cerca de um quarto delas a 3 ou mais formas.

De acordo com Melo *et al.*, (2022) destacaram os relatos das parturientes sobre violência obstétrica por meio da utilização da técnica de entrevista semiestruturada, dividida em três partes: a primeira contemplou questões fechadas voltadas aos dados sociodemográficos; a segunda e a terceira abordaram, por meio de perguntas abertas, o histórico da última gestação e os aspectos relacionados ao parto e à violência obstétrica. Como resultado, foi obtido que algumas mulheres não se reconhecem como vítimas de violência devido à sua naturalização. A mesma pode perceber a necessidade de assistência hospitalar, mas sem reconhecer seus direitos na maternidade. O contexto vivenciado por mulheres vitimizadas revela impactos emocionais negativos e fragiliza o cuidado.

Os estudos de Lansky *et al.*, (2019) assim como o de Melo *et al* (2019), também utilizou a entrevista semiestruturada, com questões socioeconômicas e demográficas, além disso, as participantes também foram submetidas a uma pesquisa “Sentidos do Nascer”. E como resultado, tiveram que a violência obstétrica afeta as mulheres de for-

ma desigual na sociedade brasileira, refletindo as iniquidades presentes na assistência ao parto e nascimento. A participação na exposição Sentidos do Nascer demonstrou ampliar o conhecimento das gestantes sobre o tema. Ações de mobilização social como essa podem favorecer a conscientização, a divulgação do problema e a promoção de boas práticas na atenção ao parto e nascimento.

Carvalho e Benincasa (2019) fizeram um estudo comparando os afetos de mães com e sem depressão pós-parto. Foram utilizadas uma entrevista semidirigida, um questionário sociodemográfico e a Escala de Depressão Pós-Parto de Edimburgo, aplicados na própria residência das participantes. A partir da análise mostrou-se que, independentemente de haver ou não diagnóstico de depressão, todas vivenciaram sentimentos contraditórios sobre si mesmas, a gestação, as relações sociais e o futuro. Todas passaram pelo pré-natal, porém o cuidado oferecido foi focado apenas nos aspectos fisiológicos, deixando de lado dimensões sociais, psicológicas e culturais. Assim, conclui-se que são necessárias intervenções voltadas para a promoção da saúde integral das mulheres durante todo o ciclo gravídico-puerperal.

Santos *et al.*, (2022) realizaram um estudo investigando como puérperas perceberam a violência obstétrica durante o trabalho de parto, através de uma pesquisa quanti-qualitativa, a coleta envolveu dados numéricos e entrevistas analisadas. Foram identificadas duas categorias principais: abuso físico e abandono durante o cuidado. Os resultados mostraram que a maioria delas passaram por situações que se enquadram como violência obstétrica, mas parte delas só reconheceu isso quando questionada. O estudo evidencia que muitas mulheres não percebem inicialmente condutas ina-

dequadas como violência e reforça a urgência de refletir e revisar práticas de assistência ao parto, promovendo cuidado baseado em evidências e maior qualificação profissional.

Leitão *et al.*, (2025) buscaram compreender como puérperas representam socialmente a violência obstétrica em contextos de parto e nascimento. A coleta ocorreu por meio de associações livres ao termo “violência obstétrica”, analisadas no software IRa-MuTeQ, resultando em um diagrama que organizou os termos evocativos por frequência e ordem média de evocação. Os achados mostraram que elementos como ignorância, medo, dor, grosseria, raiva, maldade, tristeza, invasão de privacidade, agressão, imprudência e vulnerabilidade compõem a forma como essas mulheres significam a violência. As representações evidenciaram a fragilidade das puérperas, a falta de informação e o desrespeito à autonomia feminina.

Campos *et al.*, (2020) buscaram compreender como as puérperas vivenciam as práticas convencionais de assistência ao parto, incluindo situações interpretadas como violência obstétrica. As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas e analisadas conforme a técnica de Bardin. Os relatos mostraram um cenário de cuidado obstétrico ainda marcado por intervenções excessivas, tomada de decisão centrada no profissional, desrespeito e condutas que podem ser reconhecidas como violentas, fazendo com que muitas mulheres descrevessem o parto como uma experiência negativa, frustrante e, em alguns casos, traumática. Assim, percebe-se a necessidade de revisão de práticas de promoção de um cuidado humanizado e baseado em evidências.

CONCLUSÃO

Os achados deste trabalho evidenciam que a violência obstétrica é um fator relevante e agravante para o adoecimento emocional no ciclo gravídico-puerperal, contribuindo significativamente para o surgimento ou intensificação da depressão pós-parto. As práticas abusivas, desrespeitosas e intervencionistas, ainda presentes em diversos contextos de assistência ao parto no Brasil, demonstram não apenas a fragilidade das políticas de humanização, mas também a permanência de uma cultura institucional que naturaliza a dor, o silêncio e a submissão das mulheres durante esse processo. Esse contexto contribui para a intensificação de sintomas ansiosos e depressivos, os quais podem permanecer ou se manifestar de forma mais intensa após o nascimento do bebê.

Diante disso, torna-se essencial fortalecer a humanização da assistência ao parto, assegurando o cuidado baseado em evidências, comunicação clara, respeito à autonomia da mulher e apoio emocional durante todo o processo gravídico-puerperal. A superação da violência obstétrica requer investimentos em educação permanente dos profissionais, consolidação de políticas públicas e ampliação do debate sobre o tema, para que a mesma deixe de ser naturalizada e passe a ser combatida de maneira efetiva. Reconhecer a relação entre violência obstétrica e depressão pós-parto é um passo fundamental para promover mudanças reais na prática assistencial e garantir que o parto seja vivido como uma experiência digna, segura e respeitosa.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, K. et al. Repercussões emocionais em mulheres que sofreram violência obstétrica. **Psicologia Argumento**, v. 39, n. 103, pág. 135–157, 29 out. 2020. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.39.103.AO07>
- CAMPOS, V. et al. Práticas convencionais do parto e violência obstétrica sob a perspectiva de puérperas. **Rev. Baiana Enferm**, 18 nov. 2020. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1137081>
- CARDOZO, M. et al. O desenvolvimento da depressão puerperal após violência obstétrica: uma revisão. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 6, 26 abr. 2022. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i6.29176>
- CARVALHO, M., BENINCASA, M. Depressão pós-parto e afetos predominantes na gestação, parto e pós-parto. **Interação em Psicologia**, v. 23, n 2, 2019. <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/57188/39209>
- CAVALCANTE, L., OLIVEIRA, A. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicol. rev**, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>
- CONCEIÇÃO, H. et al. Desrespeito e abuso durante o parto e depressão pós-parto: uma revisão de escopo. **Cad. Saúde Pública**, v. 39, n. 5, 08 maio, 2023. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT236922>
- CONCEIÇÃO, H., MADEIRO, A. Associação entre desrespeito e abuso durante o parto e o risco de depressão pós-parto: estudo transversal. **Cad. Saúde Pública**, v. 40, n. 8, 22 mar. 2024. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT008024>
- HASSUNUMA, R. et al., Revisão Integrativa e redação de artigo científico: uma proposta metodológica em 10 passos. **Revista Multi-**
- disciplinar De Educação E Meio Ambiente
- LANSKY, S. et al., Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 24, n. 8, 05 ago. 2019. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.30102017>
- LEITÃO, K. et al. Representações sociais de puérperas sobre violência obstétrica nos cenários do parto e do nascimento. **Cien Saude Colet**, v. 30, n. 8, 2025. <https://doi:10.1590/1413-81232025308.08662024>.
- MELO, B. et al. Violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. **Rev Cuid.** v. 13, n. 1, 8 ago. 2022. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40114795/>
- PEREIRA, D., ARAÚJO, L. Depressão pós-parto: Uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Revisão de Saúde**, v. 4, p. 8307–8319, 16 jul. 2020. <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n4-086>
- PRETO, A. et al. Implicações da violência obstétrica nos riscos para depressão pós-parto. **Social Meeting Scientific Journal**, v. 9, n. 9, pág. 97-126, 03 ago. 2024. http://www.esocialbrasil.periodikos.com.br/journal/esocial-brasil/article/66ad74e6a95395410f26_e214
- SANTOS, V. et al. Puerperal women's perceptions of obstetric violence during labor. **ABCs Health Sci.** 27 abr. 2022. <https://doi.org/10.7322/abcs.2021273.1991>
- SILVA, I. et al. Relação entre Violência Obstétrica e Depressão Puerperal: Uma revisão integrativa de literatura. **Research, Society and Development**, v. 14, n. 1, 13 jan. 2025. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/48030>

TEIXEIRA, I. *et al.* Ocorrência de depressão pós-parto em mulheres vítimas de violência obstétrica: uma revisão da literatura. **15º Congresso Internacional da Rede Unida**, 2022. <https://conferencia2018.redeunida.org.br/ocs2/index.php/15CRU/15CRU/paper/view/14657>

VARGAS, J., SALCHER, F. Violência obstétrica no contexto da depressão pós-parto. **Revisão Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 23, n. 2, 10 mar. 2023. <https://doi.org/10.25248/reaenf.e12052.2023>